

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica
Volume 19 | Número 1 | Janeiro – Junho 2025
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

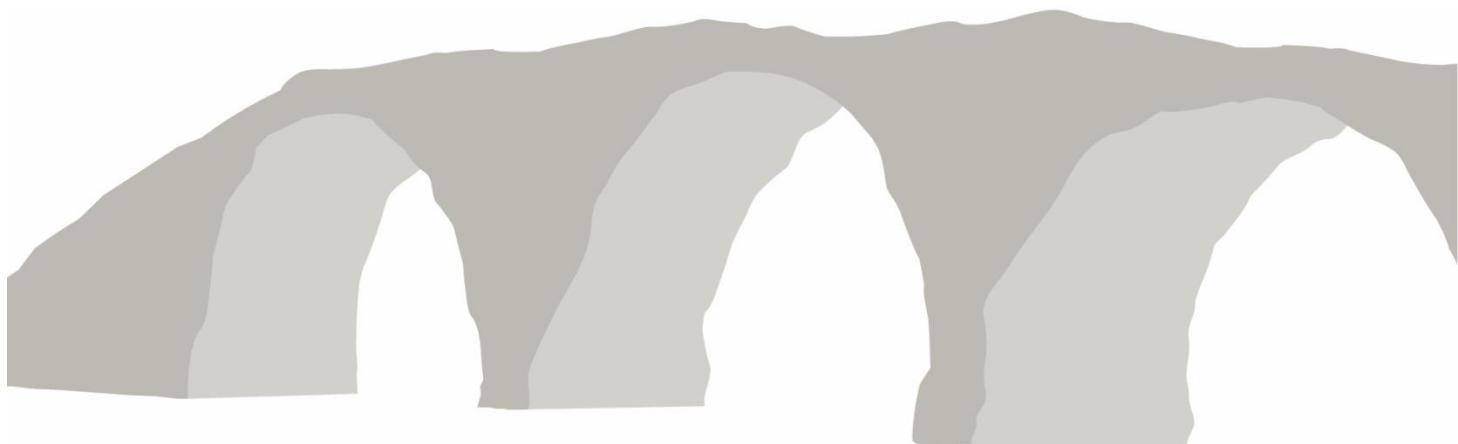
OLHAR ARQUEOLÓGICO PARA O ANGLO, PELOTAS/RS

MIRADA ARQUEOLÓGICA EN ANGLO, PELOTAS/RS

ARCHAEOLOGICAL LOOK AT ANGLO, PELOTAS/RS

Cláudio Baptista Carle





Submetido em 19/07/2024.

Aceito em: 26/08/2024.

Publicado em 30/01/2025.

OLHAR ARQUEOLÓGICO PARA O ANGLO, PELOTAS/RS

MIRADA ARQUEOLÓGICA EN ANGLO, PELOTAS/RS

ARCHAEOLOGICAL LOOK AT ANGLO, PELOTAS/RS

Cláudio Baptista Carle¹

RESUMO

O Anglo é um lugar arqueológico multicomponencial, há evidências de ocupação de centenas de anos. Observamos sua presença como evidência de comunidades pré-invasão europeia. O espaço compõe o antigo “passo das pelotas”, embarcações de couro utilizadas por nativos na região; depois constituiu a charqueada do Braga, cujas evidências estão sendo trabalhadas; no início do século XX configura o Frigorífico Rio Grande, substituído depois pelo Frigorífico Anglo e atualmente é a sede da Universidade Federal de Pelotas. Essa dinâmica ocupação vem sendo trabalhada por equipes de arqueologia da UFPel, criando diferentes versões sobre sua ocupação. O texto aborda uma visão no contexto da arqueologia do imaginário e apresenta os estudos em andamento nas perspectivas arqueológicas sobre esse lugar.

Palavras-chave: Frigorífico, Charqueadas, Universidade.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil. E-mail: cbscarle@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0761-6409>

RESUMEN

Anglo es un sitio arqueológico de múltiples componentes, existen evidencias de ocupación que se remontan a cientos de años atrás. Observamos su presencia como evidencia de comunidades anteriores a la invasión europea. El espacio conforma el antiguo “passo das pelotas”, embarcaciones de cuero utilizadas por los indígenas de la región, formando posteriormente la charqueada de Braga, cuya evidencia se está trabajando; a principios del siglo XX se creó el Frigorífico Rio Grande, luego reemplazado por el Frigorífico Anglo y actualmente es la sede de la Universidad Federal de Pelotas. Esta dinámica de ocupación ha sido trabajada por equipos de arqueólogos de la UFPel, generando diferentes versiones sobre la ocupación de este lugar. Este trabajo aborda una visión en el contexto de la arqueología del imaginario y presenta estudios en curso en las perspectivas arqueológicas sobre este lugar.

Palabras clave: Frigorífico, Charqueadas, Universidad.

ABSTRACT

Anglo is a multicomponent archaeological site, there is evidence of occupation dating back hundreds of years. We note their presence as evidence of pre-European invasion communities. The space makes up the old “passo das pelotas”, leather boats used by natives in the region, later forming the Braga charqueada, the evidence of which is being worked on; at the beginning of the 20th century it formed the Frigorifico Rio Grande, later replaced by the Frigorifico Anglo and is currently the headquarters of the Federal University of Pelotas. This dynamic occupation has been worked on by archeology teams from UFPel, creating different versions of its occupation. The text addresses a vision in the context of the archaeology of the imaginary and presents ongoing studies in the archaeological perspectives on this place.

Keywords: Cold storage facility, Charqueadas, University.

OLHAR ARQUEOLÓGICO PARA O ANGLO, PELOTAS/RS

O caminho atual da arqueologia antirracista e anticolonialista se apresenta no sentido de ruptura com os evidentes demarcadores teóricos e metodológicos de uma arqueologia antiquada, trazidos de pensadores europeus e estadunidenses. Nos envolvemos com os estudos latino-americanos e realizamos o movimento antropofágico das criações estrangeiras e colonialistas (Andrade, 1928), regurgitamos conhecimentos coloniais devorados e transformados para a nossa contra-colonial latino-americana forma de pensar e existir.

O título apresenta o *olhar* que é a ideia que envolve a alma, pois na perspectiva das populações tradicionais é pelo olhar que encontramos a alma dos entes. O *arqueológico* está na palavra, que expressa antigo e conhecimento em uma palavra única; para perceber o antigo é necessário acessar os ancestrais e sua sabedoria. O *Anglo* é o estrangeiro, aquele que vem de fora e se posiciona em um lugar da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Mas como uma frase não é feita de pedaços na tradução, posso dizer que é *atingir a alma do lugar antigo que possui sua própria sabedoria, mas atravessada pela presença do estrangeiro nessa localidade do sul do Brasil*. O Anglo também é entendido como um “sítio arqueológico”, na manifestação antiquada das regras do IPHAN (Meneses, 1988, 1984; Ministério da Cultura/IPHAN/FUNART. 2000), que precisa definir um lugar com concentração de objetos que são preservados pela lei da arqueologia. O Anglo é lugar de interação de conhecimentos de almas de entes que estão em relação com os humanos que por ali estiveram e estão. Olhar o Anglo pela arqueologia atual não pode ser mediado por perspectivas antigas que se pontuam por pensamentos que não são os nossos.

O texto não pode ser tratado como um artigo do passado da arqueologia, pois é do presente. O artigo não entra em discussões sobre a ideia de processos de ocupação de sítio, pois não percebe a área como um sítio apenas, pois é sítio arqueológico por referência ao que o IPHAN exige (Neves, 1988). É um estudo de arqueologia atual. Não há sentido em apresentar uma visão de “sítio arqueológico” antigo, pois é ultrapassada, anterior às discussões pós-processuais. São indagações antiquadas para as perspectivas atuais da arqueologia mundial. Não há modelagem, pois não existe na arqueologia atual; não serão feitas reduções no conhecimento científico sobre uma ocupação de área. A área não é restrita a uma ideia ultrapassada de que uma área de ocupação é “um sítio ou são vários sítios sobrepostos”. Essa redução já foi abandonada no mundo da arqueologia. Escrever sobre isso, dessa forma, é voltar para uma redução sobre a condição poliétnica de ocupação da área, em períodos diferentes, que são estudados por arqueólogos. A forma retrógrada de uma modelagem política e econômica de área é uma visão colonialista de arqueologia, à qual não me vinculo. No advento do pós-processualismo, essa redução é refutada, e mais ainda nas perspectivas contra-coloniais (Dos Santos [Nego Bispo] & Pereira, 2023). É desesperador perceber que este tipo de cobrança de pesquisa ainda persiste, com suas ideias retrógradas e sem possibilidades de visão menos engessada sobre áreas de ocupação trabalhadas, por uma arqueologia moderna e sem preconceitos ou amarras calcadas em verdades abandonadas no século XX, mas que são cultuados por pesquisas antiquadas. O Anglo é um sítio arqueológico, ou diversos - não sei e nem me importo nesse texto. O Anglo é uma área de interesse arqueológico com inúmeras ocupações que constituem um espaço envolvido pelo olhar arqueológico. Não vou reduzir a ideias antiquadas, que já deveriam estar mortas, que só servem para sua demarcação junto ao IPHAN, no sentido de sua proteção como bem da União. Não vou explicar visões que não são mais minhas.

O estudo do lugar está ligado ao projeto de “Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul” (MACRIASUL). O *Macriasul* é atividade de investigação contínua, que apresenta

a história da ocupação da Fronteira do Brasil com o Uruguai, dos tempos atuais aos períodos mais remotos de ocupação humana na região. A proposta autorizada pelo IPHAN, por portaria, é utilizada por colegas para seus trabalhos e na formação de novos arqueólogos, com atividades educacionais no campo da arqueologia e estudos de áreas de ocupação arqueológica e etnográfica. O estudo que segue apresenta um envolvimento de saberes, que muitas vezes são relegados na academia, mas que para a inserção sensível tornam-se fundamentais. Os estudos que envolvem este lugar em especial, chamado de “sítio Anglo”, estão relacionados às arqueologias plurais e multifocais que se apresentam na atualidade (Sá, 2006). Neste sentido, expresso o caminho que torna possível abordar a área e permite o olhar arqueológico que se apresenta (regurgitado de Redman, 1973).

A ancestralidade que envolve a investigação sobre o passado é fruto da interação com o perspectivismo ameríndio e a afrocentricidade, que constitui o projeto de mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Esse permite olhar o Anglo em toda a sua amplitude, pois não é um lugar, é um espaço de interação. O espaço de interação é investigado com bases arqueológicas, entendendo a arqueologia como parte do universo antropológico amplificado e que ressoa pelas múltiplas vozes que se entrelaçam na interpretação que proponho.

O *Macriasul* possibilita a inserção nos diversos campos do conhecimento arqueológico e tem por nascedouro as investigações que iniciei na trajetória como professor de arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Efetiva no universo da ciência a arqueologia sensível no sistema das imagens, devoradas das ideias de Durand (2012), uma antropofagia proposta por Oswald de Andrade (1928) que se repete nesse texto. Imagem sensível que marca as criações humanas e sua relação com a existência. Amplia os processos teóricos conhecidos como Arqueologia Antropológica, Contextual ou Pós-Processual avançando na implementação de uma Arqueologia do Imaginário, devorada de Schaen (1997). Os estudantes de arqueologia da UFPel estão em relação direta com o Anglo, como comunidade que se envolve com o espaço arqueológico.

O assentamento traz a luta contra o pensamento colonialista a partir da Arqueologia do Imaginário e seus desdobramentos contra-coloniais que afastam as poderosas influências da razão lógica, cartesiana e redutora da arqueologia. Olhamos para a interpretação de uma arqueologia que seja pública, compartilhada e comunitária (Gnecco, 2015).

A aura do imaginário ameríndio e afro-brasileiro é instauradora da proposta interpretativa e fenomenologicamente engajada, na perspectiva do indígena brasileiro Ailton Krenak (2019), em oposição ao “(des)envolvimento” e na promoção do “envolvimento com a terra”. O envolvimento afetivo e amoroso, no contexto arqueológico, no inteirar humano e não-humano das referências epistemológicas afro-centradas e ameríndias.

O Anglo é possibilidade, no projeto de arqueologia, constituindo histórias e sincronias com a antropologia local. A antropofagia do conhecimento arqueológico permite a continuidade das metodologias e técnicas alteradas, olhando para os estudos de Meneses (1988), Neves (1988), Funari (1989, 1991, 1994, 1995), Noelli (1993), Dias (1994) e outros brasileiros e brasileiras cujas escritas se apresentam de forma não corrompida pelas perspectivas colonialistas.

As teses de Marielda Medeiros (2022) e Cícero Ney Pereira de Oliveira (2022), projetos concluídos no *Macriasul* e GPCIE (Grupo de Pesquisa Cultura, Imaginário e Educação), estruturaram um pensamento mais afrocentrado para a imersão no universo dos principais agentes humanos que se assentaram naquela região de Pelotas, e especificamente do Anglo. O cruzamento de informações sobre as populações indígenas, europeias e de afrodescendentes, na inserção nos espaços, constitui os territórios e manejos ambientais que conformam

a região na atualidade. No entanto, o principal contingente humano que assenta o lugar da cidade é afrodescendente e, como tal, de força envolvente. O estudo envolve os ameríndios e sua cosmogonia antes da penetração europeia deve ser entendida. A escolha dos grupos tradicionais, como os indígenas, quilombolas urbanos e rurais (reconhecidos ou não pela Fundação Palmares), comunidades tradicionais das “colônias europeias”, grupos de pescadores e outros com sistemas de perpetuação étnica de europeus ou misturados etnicamente (caboclos) é o lócus da investigação.

A Arqueologia é interação com outros pensamentos (devorados de Trigger, 1989), entendida na Antropologia, viabiliza as multivocalidades (Gnecco, 2015). A interlocução com as comunidades envolve capacidades de interpretação dos aspectos formadores da ocupação humana na região em estudo. Os sentidos comuns (devorados de Maffesoli, 1994) dos pensamentos não acadêmicos.

Os tecidos sobrepostos dos assentamentos humanos formam a ocupação física perceptível na cultura material. Universos sincrônicos, tempos médios de ocupação, múltiplos universos socioculturais em envolvimento ambiental (devorados de Renfrew & Bahn, 1991), aparecem na interpretação da ocupação do território, ontem e hoje. Os dados empíricos, regurgitados dos pensamentos de Hempel (1965), apresentam o espaço regional no longo período de assentamentos diversos (regurgitados de Redman, 1973). Envolvidos pelos pensamentos dos interlocutores locais, recriam as histórias locais.

Os “sítios arqueológicos”, os espaços arqueológicos, os patrimônios imateriais e os materiais, os lugares de memória, pertencem a quem os criou e possui relação com eles na interpretação (Teixeira, 2004). A forma de preservar é dar visibilidade aos sentidos das comunidades ligadas ao lugar, foco deste texto, o Anglo. A criação de territórios ocupados por sociedades pré-industriais ou tradicionais formam espaços sagrados na terra onde vivem, com seus antepassados, espaços coletivos que efetivam seus modos de vida, distintos do urbano industrial (Wiefels, 2009). Os povos tradicionais demarcam com os seus territórios ancestrais. As formas de apropriação de lugares pelas comunidades criam sistemas de referência das sociedades tradicionais (Wiefels, 2009). Os referentes comuns são a base para pensar as ocupações dos primeiros colonos, dos quilombolas, dos conquistadores, dos indígenas e grupos humanos no passado, onde a comunidade hoje compartilha a preservação (Souza Filho, 1999) e as mudanças respeitando as diversidades.

Os aldeamentos indígenas, os colonos, os quilombos e outras sociedades tradicionais da região se valem de um sistema mais comunal, de uso dos solos, animais e outros. O sistema torna-se relacional no estudo e direciona a rotina na interação com os locais em estudo. Francisco Noelli (1993) em seu *Sem tekohá não há tekó* (sem o lugar de viver não há vida), realiza uma profunda discussão sobre a criação e uso de aldeias Guarani, em um estudo etnoarqueológico, a partir de um entendimento das formas de apropriação cultural do ambiente. A forma interpretativa é implementada no projeto. A territorialidade física das sociedades tradicionais nas práticas diárias legitima o poder de ação sobre o seu espaço vivido (Wiefels, 2009). O grupo tradicional domina o espaço e técnicas de trabalho apropriadas para a manutenção e na reprodução espacial, na garantia da permanência, poder e representatividade através dos seus objetos e suas localizações sobre este espaço.

O território é conhecimento, do passado e do presente, adquirido pela oralidade do grupo familiar. A territorialidade acumula saberes tradicionais que remontam a ancestralidade. Saberes tradicionais estão materializados através do trabalho e da produção, relação territorial distintiva, de lugares reconhecidos e sempre fortemente marcados por um território metafísico (pensamento regurgitados de Heidegger, 1966). O território intercomunica o metafísico da identidade tradicional na luta diária com o outro, o que é reconhecido como “estrangeiro”. A identidade na relação com o outro que muitas vezes é atribuída e assumida pela

população local, na coesão social perante a intensificação da presença de atores externos (Wiefels, 2009; devorado de Barth, 1998).

No passado arqueológico o território metafísico era menos preciso, mas nas sociedades atuais as práticas sociais acumuladas na memória individual e coletiva legitimam o indivíduo sobre o território social e cultural de sua tradição (Wiefels, 2009; regurgitado de Barth, 1998). O fator simbólico de apropriação do espaço cria o território, que é possuído, guardado, habitado, que impregna o possuidor (regurgitado de Barth, 1998). Os locais ocupados pelos mortos, pelas lembranças dos antepassados vivendo no lugar. O território é sentido, é princípio espiritualidade, é enraizado e aparece como símbolo representativo (Wiefels, 2009).

As bases simbólicas provenientes dos diversos ocupantes marcam as imagens da ocupação humana da área. Olhar para o Anglo é olhar para uma paisagem, não é possível fixar o olho apenas num ponto que é o sítio - área demarcada para o IPHAN, por ter marcas de uma ocupação. O olhar arqueológico é aberto, se expande por uma região, está imbricado nas relações sistêmicas com um ambiente, que cria e efetiva na interação com os humanos uma forma de ser. O lugar apresenta para o humano o que ele vai ler dele, a leitura dos ancestrais do lugar é tão viva quanto a leitura atual e da ciência arqueológica. Uma lê junto com a outra, compartilhando sensibilidades com a área em estudo, assim os humanos ocupam os lugares.

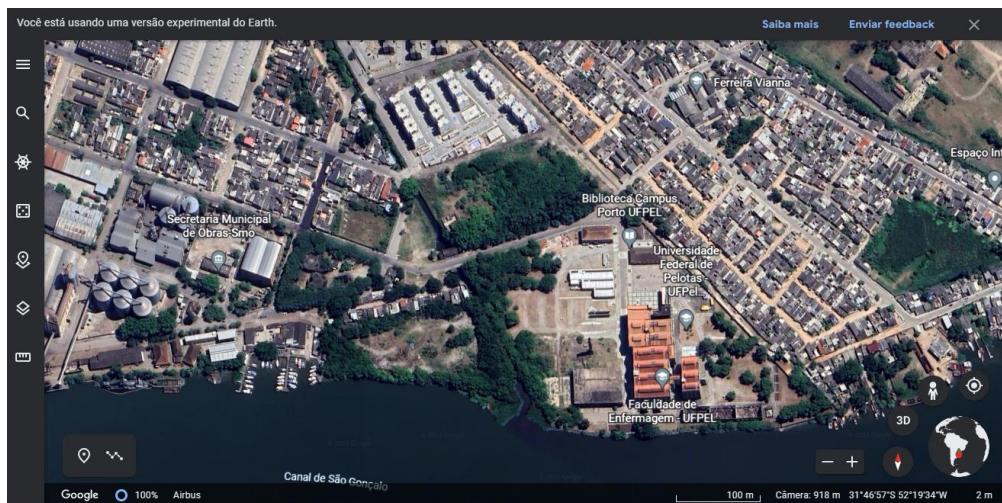


Figura 1. Ampla da área do Anglo (Sede da UPEL) na Cidade de Pelotas. Fonte: Google Earth [cons. 03 dez. 2022]

O espaço arqueológico, na sua complexidade social, variabilidade no tempo e espaço, forma o contexto arqueológico. A complexidade social das hierarquizações institucionalizadas (Souza, 2002) e das diferenças e semelhanças diacrônicas desses contextos refletem os diversos momentos de contato entre grupos na região. A ação humana aporta ferramentas e ocupa lugares, assim instala pressupostos físicos de organização social. As hierarquias sociais e os reflexos econômicos de ambientação apresentam as diferenças e similaridades entre os grupos, identificadas genericamente nos grupos arqueológicos e antropológicos (Oliveira & Oliveira, 2010).

A organização dos dados ainda não está completa e depende de mais intervenções físicas no terreno, para destacar as digitais dos antigos ocupantes e de suas interações na área. O espaço arqueológico de vários momentos de ocupação rompe a dicotomia de continuidade e ruptura que marcam a história da região. Há no Anglo a preservação de longos momentos históricos de vários grupos diferentes. Os indígenas, os africanos e seus descendentes, com os quais temos mais afinidade e que no passado foram escravizados pelos europeus em

sua invasão do lugar; olhamos mesmo para os europeus e descendentes, todos estão no universo mítico do Anglo. O trabalho antropológico (Oliveira & Oliveira, 2010), ainda incipiente e pouco organizado, não gerou sínteses para seu tratamento, mas os estudos que realizei em área próxima (Carle, 2021) sobre os ocupantes do lugar, mostram a diversidade histórica que povoam o Anglo.

A complexidade social intercalada aos não-humanos (entendido como “meio ambiente”) geram as modificações da paisagem, formando aterros, canais, reservatórios e outros elementos de controle das águas, que garantem aos grupos suprimentos durante todo o ano, controlando plantas e animais. As mudanças efetivadas romperam o ambiente, criando os primeiros meios de degradação ambiental na ruptura com a estrutura socioambiental dos antigos ocupantes, ou mesmo de atuais ocupantes com modelos tradicionais de inserção. A crise ambiental atual que a cidade vive, já mostrada no ano de 1941 e reafirmada em 2024, é fruto dessa agressão ao ambiente local. A degradação ambiental rompeu com o meio cultuado pelos antigos ocupantes da área de criação dos prédios que hoje marcam o Anglo. A pesca intensiva é uma destas partes da complexidade social no Anglo, como em outros lugares de Pelotas que é envolta pelas águas (Machado, 2006). O esforço dos europeus é de exercer o controle sobre o ente conhecido como natureza. Dominar o produto das águas doces e salgadas, que formam o lugar, convertendo em sistemas alimentares, de ocupação e de descarte de rejeitos físicos na sua dinâmica colonialista. O movimento colonialista é somado aos contatos externos e a complexidade destes grupos em interação humana e não humana, com a inserção de bens e produtos vindos de regiões muito distantes, a partir do século XVIII; constituem a atualidade arqueológica do Anglo. Os bens e as formas de ocupação degradaram as antigas dunas e áreas alagadas e nos meses de abril e maio de 2024 verificamos o transbordar dos rios e canais, levando a alagamentos que superam a grande enchente de 1941, que levou a criação de um dique casas de bombas, sendo uma delas lateral ao Anglo.

O movimento colonialista, surgido no século XVIII vai reconfigurando o lugar. A política local dos agentes humanos colonialistas, envolve crescente exploração dos recursos, por um número cada vez maior de indivíduos e forma a organização do trabalho com avanços tecnológicos, na progressiva diferenciação social (Machado, 2006). A inovação tecnológica reflete na *Tecnologia de Prestígio* (Machado, 2006) que marca a diferença social e de poder, apresentada nos objetos de apelo estético ou pela construção de monumentos edificados como os próprios aterros, canais e reservatórios.

O adensamento populacional marca a distinção social (Machado, 2006), onde as formas centralizadas e hierárquicas de organização social ordenam as edificações, arruamentos, os espaços de trabalhos públicos, a criação de gado e a agricultura intensiva. A ação é aliada da produção de objetos de prestígio, objetos de arte refinados e arquitetura monumental. O lugar e seus atributos físicos são manifestações das pessoas que os ocupam (devorados de Geertz, 1989 e de Geertz, 1997). Os colonialistas apresentam suas monumentalidades (Le Goff, 1994; Lemos, 2000), mas as sociedades originárias e as tradicionais, as africanas arrastadas para cá, simbolicamente preservam os sistemas ambientais, que são entendidos como interligados cosmogonicamente com suas existências (regurgitado de Fornet-Betancourt, 2003), numa luta constante de contraste com os colonialistas. A referência aos conhecimentos e os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades tradicionais indígenas e afrodescendentes conflitam com as arbitrariedades que carregam em seu bojo o desastre ambiental de grupos sociais colonialistas. Os lugares mostram isso de forma evidente, as ideias das comunidades tradicionais (Laraia, 2000).

A relação social com o ambiente diferenciada, mesmo nos espaços urbanos, como hoje é o Anglo, se apresenta nas interações com o meio, que se dão de forma mais ou menos harmônica, mais ou menos degradante para o meio, o que faz sentir o momento da implantação do modelo capitalista urbanizado. Modelo

que é sempre menos harmônico e mais degradante. A diferença neste ponto está na quantidade e formas de dados que devemos trabalhar para atingir as ideias de hierarquização social e imbricamento com o meio ambiente, considerando a própria cidade como um meio hoje já naturalizável. O que percebemos é que as comunidades tradicionais preservam os verdes e as capitalizadas destroem, a crise ambiental atual é fruto da ação degradante do capital.

A preservação do ambiente mais original é refletida nos saberes, como remédios caseiros contrastando aos industriais. Os industriais estão marcados pela vidraria ou potes de confecção. A forma de comer é diferente na interação com o ambiente mesmo com sua degradação, muda os hábitos sociais, os padrões de produção, os (restos de) alimentos e outros estão apresentados nos objetos que povoam o lugar. As atividades comunitárias como os rituais, as festas, a marca de vivência coletiva do trabalho, na religiosidade e no entretenimento apresentam outros objetos e lugares no espaço. As formas de expressão, como as danças, as roupas, os adornos cotidianos e outros, aparecem na ocupação. As singularidades dos contextos tradicionais ou originários da cultura local e dos lugares de interação marcam os espaços onde ocorreram, na convergência de pessoas e práticas coletivas.

Os grandes encontros dos grupos de celebração nos ritos religiosos, com referências católicas ou não, nas festas cívicas e populares, nos eventos institucionais, mostram categorias em separado e típicas do processo de interação, mas distintivas dependendo dos traços diacríticos de sua formação (Barth, 1998). Os diversos saberes preservados pelos objetos-lugares e pelas pessoas mais antigas fazem o enlace tradicional, que cria e envolve saberes da tradição, que incorporam novas tecnologias, novos materiais e propõe outros usos. O agrupamento dos atores sociais reconhecidos marcam ofícios populares, que ainda seguem na tradição familiar, frutos de uma rede de ancestralidade (Gottschall & Santana, 2009).

A oralidade refere o conhecimento tradicional, é fonte de informação cultural sobre os grupos que povoam a região. A validade está em recuperar as “tradições” e “práticas coletivas” na dinâmica da sociedade inscrita no contexto atual, carrega a percepção e as práticas sociais cotidianas expressas na amplitude e direcionamento da informação e nos processos de transmissão, tanto na narrativa oral quanto nos ofícios tradicionais, como na música, na culinária, nos aspectos simbólicos/religiosos e no artesanato, entre outros (Oliveira & Oliveira, 2010).

As entrevistas abertas no entendimento de práticas sociais, oralidade e tradição, presentes na vida cotidiana, complementam informações documentais. O espaço (ambiente) apresenta características físicas e simbólicas, indicativas do domínio deste, quanto a aspectos visuais, de isolamento, instalações, recursos naturais ou materiais (em espaço urbano). O espaço reflete a comunicabilidade social (Gottschall & Santana, 2009) onde a identidade social e seus valores simbólicos se fixam também em objetos da paisagem (rural ou urbana) [Carvalho & Dantas, 2008].

O acervo arqueológico já existente no ICH (LEPAARQ, NEPA, LEICMA, LAMINA e outros), o acervo etnográfico (LEPAAIS, NETA, Curso de Antropologia e outros) e de outras instituições próximas como FURG e UNIPAMPA, servem na interação com os espaços e as pessoas da pesquisa. A interação pesquisador/sujeito possibilita a aproximação com os processos de sucessões temporais dos diferentes grupos étnicos no meio em que viviam e vivem. A arqueologia pública e contra-colonial (Gnecco, 2015), cerne do estudo, permite aos sujeitos da pesquisa integrarem o processo de investigação. A valorização dos sujeitos da pesquisa e dos lugares, pessoas e manifestações em territórios tradicionais, permitem o estudo da formação da área, que é uma fronteira. No contexto de formação acadêmica no nível de graduação e pós-graduação de profissionais da área de arqueologia e antropologia produz o efeito desejado na inserção tanto de antropólogos como de arqueólogos

em seu universo profissional (*Macriasul*, Carle, 2022). Toda essa base serve então para olhar o lugar conhecido como Anglo, também chamado de “sítio arqueológico Anglo”.

O *Macriasul* ainda corrobora as ideias propostas por Copé (1985) de que caçadores coletores poderiam ter adentrado na área há pelo menos à 10.000 anos A.P. Tratando como “Tradição Umbu”, a autora argumenta que grupos que produziam tais artefatos estavam distribuídos amplamente pelo território pampeano, e que a fase mais antiga de ocupação data em 9.600 A.P. (Copé, 1985, p. 35). A área do Anglo, nessa data limite, estava sem a presença da água, mas as transgressões marinhas vão cobrindo a mesma, como na puxada de corda do Guarani (Nimuendajú, 1987), e cobrem com águas marinhas a região, só liberada em 2.500 A.P.. A antiguidade para os caçadores coletores da área de investigação é importante na avaliação dos promontórios dos assentados. Rafael Milheira nega a antiguidade, por considerar que os humanos não estariam aqui antes, pois por volta de 5.000 anos atrás a região estaria inundada pelo mar, afirmação feita na defesa do TCC - “Ocupação pré-histórica da Bacia do São Gonçalo: uma análise entre sítios” (2014) realizado por Marcos Felipe Rutz Buchweitz, vinculado ao projeto. É importante indicar que há 17.000 anos atrás o mar estava a centenas de quilômetros para dentro na plataforma continental e a área de Pelotas estava seca, passível de ocupação humana. Não há ainda indícios desses ocupantes mais antigos, pois não são procurados por nenhum trabalho até o *Macriasul*.

A presença humana no Anglo, nos ditos científicos, pode compor a presença dos “construtores de cerritos”, cujos “sítios arqueológicos” são de 4.500 A.P., no Uruguai, e na região meridional da Laguna dos Patos, de 2.500 A.P. (Garcia & Milheira, 2013, p. 12). Os seus vestígios ainda não foram confirmados no Anglo, mas há probabilidade de sua presença, pelos achados iniciais.

Os Guarani ocuparam a área também (Brochado, 1984; Chmyz & Schmidt, 1971) e entraram em contato com os invasores espanhóis e portugueses; suas toponímias resistiram até o presente. Esses invasores transformam os locais com a presença de cativos nativos e trazidos de África, seguidos na ocupação por imigrantes de outras etnias europeias. O Guarani nos conta como se formou a área geomorfologicamente. Curt Nimuendaju Unkel (1987) narra os mitos Guarani, onde estão os gêmeos *Tyyry* e *Nanderyquey*, filhos de *Nandecy*, primeira mãe, criada da panela de barro (mistura de água e terra) que vai para a Terra sem Mal, “além do mar”, o pai é *Nanderuvuçu* - “Nosso Pai, o Conhecedor das Coisas”, pai que sobre a “cruz” que sustenta a terra colocou a água. Nessa terra estão os jaguares, que são caçados pelos filhos, pois haviam destroçado sua mãe, a caça é feita com um mundéu. *Nanderyquey* usa os frutos da guabiroba para levar os animais ao mundéu, e mente “que do outro lado da (...) água de margens movediças haveria muitas destas frutas, e todos os jaguares resolvem ir até lá” (Nimuendaju, 1987, p. 59). Aqui está uma alusão aos banhados que estão na região de Pelotas, mesmo que não tratem dele especificamente, a sua existência é explicada pelo mito. Esse veio de água é como uma fenda, no limite da terra.

O mito de origem prossegue onde usam o *yrymomó* (“uma corda”) que amarra as margens “da água encantada”. A corda mantinha as margens mais próximas e impedia que o rio se abrisse mais, entre suas margens. O mecanismo fora elaborado por *Tyyry* no banhado, que na montagem joga pedaços de coisas que formam animais como jacarés, peixes e outros animais dos banhados. No dia seguinte, como disseram os pajés para Unkel, os “jaguares chegaram e se atiraram dentro d’água esperando encontrar as árvores frutíferas na margem oposta”, *Nanderyquey* “gritou a seu irmão que soltasse o cabresto, o que este fez” e os “jaguares não podiam alcançar a margem, que recuava” e quase todos se afogaram menos uma onça prenha que foi pega no calcanhar por um jacaré, mas deu a luz na margem aos filhotes que sobreviveram e dão origem aos jaguares que atacam os humanos até hoje; a mordida no calcanhar da onça prenha deu a forma as patas dos felinos até hoje.

O “antigo charco” cresceu até o infinito, dando “origem ao mar (parary) ou Água Eterna (y recopy)” [Nimuendaju, 1987, p. 59-60]. Cabe aqui lembrar a explicação geológica para a formação dos cordões arenosos e suas concavidades que formaram as áreas encharcadas dessa região. É impressionante que seja tão próxima a ideia de um litoral largado por cordas e formem o grande mar.

O mar “a partir do charco de margens fugidas”, desempenha um papel no mito de “Guyraptop”. Nesse universo simbólico a “serra do Mar, que se ergue como uma parede logo atrás do litoral sul do Brasil” aparece entre os Guarani como “cóvae (esta) yyty (serra) parary (do mar) jocodá (dique)” e nessa região, não é a serra do mar, mas a Serra dos Tape. Nimuendaju indica que os Tupi do litoral chamavam “esta serra de *Paranapiacaba*, que se traduz em geral por lugar de onde se vê o mar”. Nas avaliações feitas por Milheira (2008) se verifica a importância dada pelos grupos que ocuparam esse Serra dos Tape e produziam uma cerâmica associada aos Guarani para esas ocupações. O padre jesuíta Montoya que escreveu o dicionário “Arte de la Lengua Guarani” destaca essa importância pela “ybiti guacu narana piahaba” (conf. Nimuendaju, 1987, pp. 98-99). A serra é o dique que segura o avanço do mar que nasceu do banhado. No ir e vir da corda dos criadores, se formam cordões de dunas; num cordão destes está o Anglo assentado.

O cordão ou duna serviu de caminho, traçado pelos indígenas. Pela duna chega-se ao Canal São Gonçalo. O caminho percebido pelo europeu é usado para suas tropas, roubadas aos Guarani Missionários, da grande Vacaria do Mar, criada a partir da região de Maldonado, no Uruguai. As tropas no início teriam que transpassar, seja a Laguna dos Patos na sua saída para o mar, ou a travessia do canal. O canal corta as antigas dunas marinhas, mais menos de sudoeste para nordeste, assim barra o andar das tropas sobre as dunas, vindas do Uruguai (Serres, 2014).

O canal recebe contribuição de águas vindas de vários corpos d’água, da Lagoa Mirim, do Rio Piratini, do Arroio Santa Bárbara, do Arroio Pelotas, entre outros. Na área da embocadura do arroio junto ao Canal São Gonçalo, onde os espanhóis encontraram os “cerriteiros”, andando em barcas em forma de bola (“pelota” em espanhol) no pequeno rio das “pelotas”. Percebiam-na como uma passagem segura para as tropas dos portugueses traficantes. Os portugueses usam o “Passo das Pelotas”, criado pela força da água do rio das pelotas, que traz terra e forma um promontório em meio ao canal, chamado de São Gonçalo pelos portugueses, o qual liga (as chamadas) lagoa Mirim com a laguna dos Patos. Essa passagem do canal, o “Passo das Pelotas”, que envolve uma ilha chamada de Ilha do Malandro, a curva do canal provocado pelo arroio das pelotas, serve para escoar suas tropas de animais. O lugar deu nome a área ampla, onde está hoje a sede da UFPel, o Anglo, no antigo passo “das pelotas”.

O levantamento sistemático deste lugar e das pessoas, inseridas na geografia, geomorfologia, características ambientais, com diversidade temporal, na interação com os não humanos, constituem a ocupação e ilustram imagens produzidas pelos historiadores, arqueólogos e antropólogos sobre a região. As dunas, o rio das Pelotas, o arroio do Pepino, os banhados, os passos, marcam a inserção de humanos e não humanos no que hoje é conhecido como Passo dos Negros, Estrada das Tropas, Ponte dos Dois Arcos, Engenho Osório, Campo do Osório, Estrada do Engenho, Navegantes, Bairro da Balsa, Frigorífico Anglo, UFPel e outros. Novos nomes se apresentam na tentativa de apagar essas topônimos históricas, como Parque Una, Safras & Cifras, Condomínio Lagos de São Gonçalo, Umuarama e outros, num processo de gentrificação. A resistência das comunidades locais é grande, com inúmeras manifestações em diversos caminhos políticos, mas a força do capital tenta suplantar a história a expulsar as pessoas. Em meio a crise climática que assola o RS (maio de 2024), o condomínio de luxo Lagos de São Gonçalo colocou uma bomba de água jogando seus excessos sobre a comunidade do Passo dos Negros (vide - “Caso de bomba de escoamento encontrada em

condomínio de luxo em Pelotas vai parar na Justiça” [17/05/2024 - Angélica Silveira – correiodopovo.com.br], cons. 03 maio de 2024), marcando a gentrificação.

A cultura material identificada nas escavações do Anglo, na interação antropológica com os moradores e usuários atuais da área, pois arqueologia é uma forma antropológica de ver o mundo, tornaram codificáveis os dados obtidos com a extensa amplitude temporal que se destina o projeto (mínimo de 10.000 anos). As informações geográficas físicas, como a altimetria, hidrologia e geomorfologia envoltas no contexto temporal mostram dinâmicas geoambientais dos grupos humanos em seus tempos geo-históricos. As paisagens e pessoas em interação cotidiana formam usos do solo, das vegetações, das rochas trazidas, dos animais e mesmo das águas, que constituem o lugar e as pessoas no espaço.



Figura 2. Estudos arqueológicos de colega, no Anglo, ligados no Projeto Macriásul. Fonte: fotos publicadas no Facebook pelo Prof. Dr. Rafael G. Milheira.

As ossadas dos ditos cerriteiros de 2.500 A.P. mostram marcas de estarem constantemente embarcados com usos de redes de tarrafas para a pesca (Carle, Carle & Carle, 2002). Os mesmos viviam de cócoras criando tibias achatadas e remavam muito gerando os desgastes dos ombros e cotovelos. Os ossos mostram que a água é o seu principal espaço de locomoção e vida cotidiana. Esse estar na água é como o das populações em interação nesse estudo, os moradores do Passo do Negros e do Bairro da Balsa, que ancoram suas embarcações nos costados da atual sede da UFPel, o Anglo.

A paisagem deflorestada apresenta a alteração vivaz que as sociedades urbanas impõem aos lugares; alteração que inviabiliza a proteção dos humanos na crise climática atual. Nesse espaço da cidade recriaram o território, realocando grupos sociais e seus locais de viver. A antiga área de ocupação e interação com o meio, que os cerriteiros e Guarani estabeleceram, foi drasticamente alterada pelas ações dos invasores europeus criando suas marcas de urbanidade.

As áreas alagadas foram aterradas, mas situações de enchentes constantes determinaram a construção de um grande dique no século XX, com canalizações de rios inteiros, deslocados de seus cursos originais, dragagens de áreas para criação de portos e fluxo de grandes embarcações eliminaram meandros e bancos de areia (Ribeiro *et al.*, 2024), que permitiam uma passagem segura de animais, pelos estrangulamentos naturais dos meios físicos das águas. Instituíram caminhos marcados no terreno, com concreto e piche; criaram passagem por balsa, por pontes de ferro e concreto. As mudanças profundas criam e recriam sentidos de

territorialidades e desterritorialidades (Oliven, 2006; Ortiz, 1994). No entanto, os vestígios desses momentos anteriores estão presentes no lugar e tipificam os momentos alterados, mais recentemente, pela urbanização.

No trabalho de conhecimento arqueológico da região, aprofundado a partir de minha efetivação UFPel, em 2009, colocaram em ação os estudos, naquela época, dentro do projeto de meu colega Fábio Vergara, atuando em levantamento e escavações na área de influência regional da instituição. Um momento importante foi a criação de um subprojeto, em 2010, para investigar a sede da UFPel, área comprada para estabelecer salas de aula e reitoria da Universidade, na sede do antigo frigorífico Anglo. Havia muitos achados fortuitos de louças e vidros na área, que remontavam a uma ocupação anterior. Eu já havia trabalhado na cidade, nos anos de 1990, primeiro com a pesquisadora local Ester Gutierrez (1993) e depois na formação do Laboratório Ensino Pesquisa em Arqueologia e Antropologia da UFPel (LEPAARQ), com estudos com foco arqueológico urbano e rural em espaços do período de produção charqueadora as custas de coletivos escravizados. Esses estudos anteriores constituem a minha inserção na região de maneira mais permanente, possibilitam entender as ocupações humanas na região.

A entrada na UFPel como professor efetivo no Curso de Antropologia (na antiga Habilitação em Arqueologia) se derivou na investigação sobre os milhares de anos de ocupação humana do município, uma área de atuação instigante que foi coberta pelo amplo projeto *Macriasul*, criado a posteriori do projeto inicial.

A UFPel tem sede hoje na antiga estrutura do Frigorífico Anglo. O frigorífico abandonado foi comprado pela UFPel durante a expansão da educação superior no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que amplia o acesso e a permanência na educação superior.

A ação do Reuni traz para o contexto da Universidade, em 2006 - o complexo do Frigorífico Anglo, em 2008, o Moinho Santista, em 2009, a Fábrica Cotada, em 2010, o prédio da Alfândega e em 2012 e o prédio da Cervejaria Brahma (antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense) [Sosa Gonzales *et. al.*, 2022]. Essas ações colocaram a IES em muitas dificuldades financeiras para sua revitalização, pois há dificuldades na liberação de verbas federais para restaurações de prédios e muitos destes ainda aguardam essas ações.

A implementação do Reuni na UFPel levou a compra de prédios por toda a cidade de Pelotas, dentre esses o Anglo, o que abriu a possibilidade de realização de trabalhos arqueológicos urbanos nos próprios espaços da Universidade. O Anglo é um “sítio arqueológico” registrado no IPHAN, desde 2010, e possui uma história ligada à própria história da cidade.

O Anglo foi um frigorífico ligado a empresas multinacionais inglesa e norte-americanas que exploram a indústria frigorífica no Brasil, com conhecimento e tecnologia no processamento, transporte e comercialização de produtos e subprodutos de origem animal. O Frigorífico Anglo foi estruturado pelo grupo britânico *Vestey Brothers* e pelas empresas estadunidenses *Wilson*, *Swift* e *Armour* (Cruz, 2013, pp. 1-2). Os mercadores de carne no século XX percebem na região de Pelotas, entre 1910 e 1920, o seu potencial histórico, envolvido com as tropas e as charqueadas. Instalam abatedouros e frigoríficos no Rio Grande do Sul. Os estancieiros e o Banco Pelotense, em 1917, estabelecem o Frigorífico Rio Grande na área da antiga Charqueada do Braga (Janke, 2011), este vai funcionar na sua sede até 1926. O Banco em crise vende para *The Rio Grande Meat Company*, depois se tornaria o Frigorífico Anglo de Pelotas (Cruz, 2013, p. 1).

O grupo *Vestey Brothers* compra o Frigorífico Rio Grande, em 14 de março de 1921; em novembro do mesmo ano instala suas bases e muda o nome, em 1924, para Frigorífico Anglo de Pelotas. A área ficou sem produção por 15 anos e, em 1942, teve início a nova planta de produção. O aumento da exportação de carne, na Segunda Guerra Mundial, leva ao redimensionamento da área, ampliando a planta de produção, que foi se constituindo até 17 de dezembro de 1943, quando o Frigorífico Anglo de Pelotas foi inaugurado. Nos anos de

1970 a instalação, de diversos frigoríficos nacionais, leva ao abandono do capital estrangeiro para essa área de produção. O Grupo *Vestey Brothers*, em 1993, vende seus frigoríficos. O Frigorífico Anglo de Pelotas encerra suas atividades em 1991 (Cruz, 2013, pp. 1-2).

O estudo iniciado em 2010, no LEPAArq, apresenta o valor desse lugar arqueológico e caracteriza uma dinâmica que se pretende implementar no mesmo. A ideia é transformar o local em um espaço arqueológico, de formação permanente dos estudantes de arqueologia, tanto no âmbito da graduação como da pós-graduação (Carle, 2022).

A ação no Projeto de “Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referência às sociedades tradicionais indígenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul” (Macriasul) é que permite hoje envolver a comunidade da cidade de Pelotas, principalmente na área chamada de Porto, Passo do Negros e Bairro da Balsa, no conhecimento ancestral de sua ocupação (Carvalho & Dantas, 2008; Abreu, 2004; MINC, 2000). Ações efetivadas com estudantes de pós-graduação, estão agora focadas no contexto de ocupação do Passo dos Negros.

O Passo dos Negros é o local de ocupação inicial dos europeus, que forma a freguesia e depois cidade de Pelotas. O passo servia à passagem das tropas furtadas aos espanhóis, pelos portugueses, seguindo para o norte, vindas das antigas estâncias missionárias no Uruguai (Serres, 2018).

A área apresenta várias áreas de interesse arqueológico, uma sede de charqueada, uma ponte de tijolos (Ponte dos Dois Arcos) vinculadas às tropas, uma grande figueira sobre um promontório junto a Canal com vestígios de ocupação de cerriteiros e marcas de atividades ligadas a “religião de matriz africana” que efetiva a interação do passado com o presente na área, entre outros. A área conta, também, com a presença de uma estrutura do mesmo contexto do Frigorífico Anglo, o Engenho Osório, com sua vila de casas para trabalhadores e escola, tudo hoje abandonado. A presença do engenho em funcionamento cria um clube de Futebol, que marca a área ainda hoje, de onde jogadores famosos iniciaram suas atividades esportivas (Carle, 2022).

A comunidade no entorno do Anglo, Porto, Bairro da Balsa, Navegantes e Passo dos Negros são nossos interlocutores na Arqueologia Compartilhada. Comunidade composta por moradores ligados ao clube, ligados a coleta de materiais para reciclagem, ligados a pescadores (há um ancoradouro de pesca artesanal na área do Passo), ligados a criação de animais (no campo da charqueada), entre outros, constituem um universo ancestral em confronto ao processo avassalador da invasão de estruturas urbanizadas, da força da especulação imobiliária capitalista. Áreas urbanizadas sem cuidado com o ambiente, e geradoras de perturbações climáticas visíveis na atual Crise Climática Mundial. Construídas a base de aterramentos, como o Parque Una, Shopping, Condomínio de luxo Lagos de São Gonçalo, condomínios de Umuarama e Serena, dentre outros, com asfaltamento da estrada do Engenho, que limita a circulação dos animais dessa comunidade, que barra as águas descidas das áreas altas da cidade, alagando os moradores do Passo e Navegantes.

Os estudos arquelógicos e etnográficos colocam em conflito os avanços desmedidos de ações anti-patrimoniais efetivados por especulações imobiliárias indiscriminadas e sem qualquer base social ou climática pertinente. Ações que, de forma desmedida, atingem o ambiente e contribuem para crise climática. Há uma eclosão de estruturas urbanas desregradas e sem controle social algum, marcadas por uma governança municipal que não reflete os interesses sociais e nem patrimoniais, que envolvem essa área (Arantes, 1998, 2000). A ação devastadora da especulação imobiliária acaba com imensas áreas de antigos banhados e canaliza arroios sem a menor preocupação com os entes vivos ou materiais dos espaços antigos que conformam o lugar.

A situação que assola o Passo dos Negros agora reflete o espírito colonialista degenerativo, que ronda o espaço do Anglo. Lugar em constante conflito, uma disputa entre preservar o Anglo e edificar/urbanizar, sem

o devido cuidado, com o patrimônio ambiental ou arqueológico (Reisewitz, 2004). Essa é uma luta constante que travo na manutenção dos traços originais do Anglo e do “sítio arqueológico Anglo”.

REFERÊNCIAS

- Abreu, R. (2004). Performance e patrimônio intangível: os mestres da arte. Em Teixeira, J. G., Carvalho García, M. V., & Gusmão R. (org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização* (pp. 58-67). Brasília: ICS-UInB.
- Andrade, O. de. (1928). Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*, 1(1), 3-7.
- Arantes, O. (1998). *Urbanismo em fim de linha; e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica*. São Paulo: EDUSP.
- Arantes, A. A. (org.) (2000). *O espaço da indiferença*. Campinas: Papirus.
- Barth, F. (1998). Os grupos étnicos e suas fronteiras. Em Poutignat, P., & Streiffenart, J. (orgs.). *Teorias da identidade* (pp. 185-227). São Paulo: Ed. Unesp.
- Brochado, J. P. (1984). *An Ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Dissertação (Doutorado). University of Illinois, Urbana-Champaign.
- Buchweitz, M. F. R. (2014). *Ocupação pré-histórica da Bacia do São Gonçalo: uma análise entre sítios*. Dissertação (Bacharelado). Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas.
- Carle, A. C. B., Carle, C. B., & Carle, M. B. (2002). *Relatório descritivo de dois esqueletos de indivíduos encontrados em trabalho arqueológico no Capão Seco, Rio Grande-RS, pelo pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, Janeiro.
- Carle, C. B. (2021). As encruzilhadas na formação do lugar e do espírito do lugar na diacronia arqueológica do imaginário do Passo dos Negros - Pelotas – RS. Em Alfonso, L. (org.). *Passo dos Negros: entre ensino, pesquisa e extensão* (pp. 125-149). Pelotas: UFPel.
- Carle, C. B. (2022). *Relatório e Pedido de Revalidação da Portaria de Permissão do Projeto Macriasul*. Projeto Mapeamento arqueológico e cultural dos objetos, lugares, manifestações e pessoas de referencia as sociedades tradicionais indigenas e afro-brasileiras na região sul do Estado do Rio Grande do Sul (MACRIASUL). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN; 12^a Superintendência Regional; Universidade Federal De Pelotas, Instituto De Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Pelotas.
- Carvalho, M. A. de, & Dantas, F. A. de C. (2008). Do patrimônio cultural material ao imaterial: a inclusão na proteção jurídica aos modos de criar, fazer e viver expressados na musicalidade. *Congresso Nacional Do Conpedi* (pp. 4.962-4979).
- Chmyz, I., & Schmidt, A. (1971). A cultura Payaguá e suas possíveis correlações com a cultura Tupiguarani. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, 13, 61-76.
- Copè, S. M. (1985). *Aspectos da ocupação pré-colonial no vale do Rio Jaguá - RS*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cruz, U. B. (2013). Frigorífico Anglo de Pelotas, uma nova história. *Revista Memória em Rede*, 3(9), 1-8.
- Dias, A. S. (1984). *Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado). PPGH-IFCH-PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Dos Santos, A. B. (Nego Bispo), & Pereira, S. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora.

- Durand, G. (2012). *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Fornet-Betancourt, R. (org.) (2003). *Culturas y poder - interacción y asimetría entre las culturas en el contexto de la globalización*. Bilbao: Desclée De Brouwer.
- Funari, P. P. (1989). Brazilian archaeology and world archaeology: some remarks. *World Archaeological Bulletin*, 3, 60-68.
- Funari, P. P. (1991). Archaeology in Brazil: politics and scholarship at a crossroads. *World Archaeological Bulletin*, 5, 122-132.
- Funari, P. P. (1994). Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, 1, 23-41.
- Garcia, A. M., & Milheira, R. G. (2013). Gestão de fontes de matéria-prima lítica pelos construtores de cerritos no sul do Brasil: um estudo de caso. *Espaço Ameríndio*, 7(1), 10-36.
- Geertz, C. (1989). *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Gnecco, C. (2015). La arqueología (moderna) ante el empuje decolonial. Em Gnecco, C., Haber, A. F., & Shepherd, N. (eds.). *Arqueología y decolonialidad*, pp. 71-122. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo.
- Gottschall, C. de S., & Santana, M. C. de. (2009). *Cultura e sociedade no antigo centro de Salvador: mapeamento de referências culturais*. Salvador. Disponível em: <www.cult.ufba.br/.../CarlotaDeSousaGottschal_MarielySantana.pdf>. [cons. 23 out. 2010].
- Gutierrez, E. J. B. (1993). *Negros, charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: EDUFPel/Mundial.
- Heidegger, M. (1966). *Introdução a Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- IPHAN (2000). *Inventário nacional de referências culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan.
- Janke, N. R. (2011). *Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário: o Frigorífico Anglo de Pelotas - 1940-1970*. Pelotas: Cópias Santa Cruz.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Laraia, R. de B. (2000). *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Le Goff, J. (1994). *História e memória*. Campinas: UNICAMP.
- Lemos, C. A. C. (2000). *O que é patrimônio histórico*. Vol. 51, Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Machado, J. S. (2006). Dos artefatos às aldeias: os vestígios arqueológicos no entendimento das formas de organização social da Amazônia. *Revista de Antropologia*, 49(2), 755-786.
- Maffesoli, M. (1994). Le sens commun. *Société. Revue des Sciences Humaines et Sociales*, 46, 387-397.
- Medeiros, M. B. (2022). Pelotas pequena África: territorialidade negra a partir das Festas Black. Dissertação (Doutorado). Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Pelotas.
- Meneses, U. B. (1984). Identidade cultural e arqueologia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 20, 33-36.
- Meneses, U. B. (1988). Arqueologia de salvamento no Brasil: uma avaliação crítica. *Seminário sobre política de preservação arqueológica*. Rio de Janeiro.

- Milheira, R. G. (2008). Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 18, 19-46.
- MINC/IPHAN/FUNART (2000). *O registro do patrimônio imaterial: dossier final das atividades da comissão e do grupo de trabalho do patrimônio imaterial*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação.
- Neves, W. (1988). Arqueologia brasileira - algumas considerações. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, 4(2), 200-205.
- Noelli, F. S. (1993). *Sem tekohá não há tekó (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí - RS)*. Dissertação (Mestrado). IFCH da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Nimuendajú, C. U. 1987 [1914]. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Edusp-Hucitec.
- Oliveira, C. N. P. de (2022). Uma arqueologia zumbérica: sem ciência negra não há consciência. Dissertação (Doutorado). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.
- Oliveira, A. P. de P. L. de, & Oliveira, L. M. (2010). *Para uma etnografia dos saberes: as estratégias de ação do Projeto “Mapeamento arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira”*. Disponível em: <www.ufjf.br/maea/files/2009/11/portg.pdf>. [cons. 23 out. 2010].
- Oliven, R. G. (2006). *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Ortiz, R. (1994). *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- Redman, C. (1973). Multistage field word in and analytical techniques. *American Antiquity*, 38(1), 61-79.
- Reisewitz, L. (2004). *Direito ambiental e patrimônio cultura. Direito à preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro*. São Paulo: Juarez de Oliveira.
- Renfrew, C., & Bahn, P. (1993). *Arqueología: teorías, métodos y prácticas*. Akal: Barcelona.
- Ribeiro, C. J., Mesquita Duarte, A. de, Wruch, B. R., & Meireles, M. A. M. (2024). A cidade e o direito de ocupar. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 8(28), 114-127.
- Sá, A. J. de. (2006). Regionalização brasileira, cultura, identidade: algumas reflexões. Em Corrêa, A. C. de B., & Sá, A. J. de. (org.). *Regionalização e Análise Regional. Perspectivas e abordagens contemporâneas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Schaan, D. P. (1997). *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Serres, H. S. (2018). *As Estâncias Missionárias Da Banda Oriental Do Rio Uruguai*. Dissertação (Mestrado). Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, Programa De Pós-Graduação Em História, São Leopoldo, Unisinos.
- Sosa González, A.M., Rosa, A. A. O. da, Silva, A. A. da, & Amaral, R. M. (2022). Transmissão e reconhecimento do patrimônio industrial adquirido pela UFPel: caminhos para sua musealização. *Revista Memória em Rede*, 14(27), 115-147.
- Souza Filho, C. F. M. de. (1999). *Bens Culturais e Proteção Jurídica*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre.
- Souza, F. S. (2002). Arqueologia do cotidiano: hábitos públicos e privados em São Cristóvão – 1850/1920. *Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó* (pp. 107-111). Vol. 2. 13 a 16 de outubro. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13842102/anais-do-2-workshop-arqueologico-de-xingo-museu-de->>>. [cons. 23 out. 2010].
- Teixeira, H. S. (2004). *Patrimônio Cultural: o Tombamento como instrumento de preservação*. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.
- Trigger, B. (1989). *A history of archaeological thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wiefels, A. C. (2009). Mapeamento através de sensoramento remoto dos conflitos territoriais rurais na Ilha Grande – RJ envolvendo Estado e comunidades tradicionais. *XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária* (pp.1-18). São Paulo.

